

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas– FAFICH
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica– CETEP

Débora Machado Amarante

HUMOR: Uma saída sublimatória

Belo Horizonte

2014

Débora Machado Amarante

HUMOR: Uma saída sublimatória

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte

2014

Débora Machado Amarante

HUMOR: Uma saída sublimatória

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Guilherme Massara Rocha (Orientador) - UFMG

Maria Teresa de Melo Carvalho - UFMG

Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro - UFMG

Belo Horizonte, 22 de abril de 2014.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Guilherme Massara, exemplo de professor e pesquisador, que em seu fascínio pelo conhecimento e transmissão de saber, me inspirou a empreender este estudo.

À leitora deste trabalho, Maria Teresa, professora que admiro e que contribuiu muito no percurso da especialização, por sua disponibilidade e abertura conferidas ao meu trabalho.

Ao professor Paulo César por sua disponibilidade e contribuições oferecidas enquanto leitor desta monografia, e pelas ideias compartilhadas para trabalhos futuros.

Aos colegas e professores da especialização, pelo aprendizado, convivência e produção de saber.

O humor mima os paradoxos, brinca com as certezas, faz piruetas com as grandes ideias e, de brinde, participa como tempero essencial do erotismo.
(KUPERMANN, SLAVUTZKY, 2006, p. 9)

RESUMO

O presente trabalho visa a elucidar a questão do humor em Freud, para em seguida compreender as relações e articulações com o conceito de sublimação. Serão demonstrados alguns pontos comuns e divergentes existentes entre o chiste, o cômico e o humor, sendo este último, examinado com maior ênfase na obra freudiana do que os primeiros e, apresentado em seu aspecto criativo. Em seguida, estudaremos o conceito de sublimação para enfim, visualizar as características que partilha com o humor, que nos levam a pensá-lo enquanto uma saída sublimatória. Tentaremos entender em que sentido a metapsicologia do humor pode servir como instrumento para explanação e esclarecimento do processo de criação sublimatória.

Palavras-chave: Criação; Humor; Psicanálise; Sublimação.

ABSTRACT

The present study aimed to elucidate the question Humour in Freud, then to understand the relationships and links with the concept of sublimation. Some common and divergent points between the existing joke, the comic and humor will be demonstrated, the latter being examined with greater emphasis on Freud's work than the first, and presented in its creative aspect. Then, we study the concept of sublimation to finally see the features it shares with humor, which lead us to think about it while a sublimatory output. Try to understand in what sense metapsychology humor can serve as a tool for explanation and clarification of sublimating creative process.

Keywords: Creation; Humor; psychoanalysis; Sublimation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 HUMOR E PSICANÁLISE.....	10
2.1 O chiste, o cômico e o humor.....	11
2.2 O humor na obra freudiana.....	15
3 HUMOR E CRIAÇÃO.....	20
3.1 Da brincadeira infantil ao complexo paterno.....	20
3.2 Humor: dimensões estética e ética.....	23
3.3 Humor, arte e laço social.....	24
4 SUBLIMAÇÃO E HUMOR.....	27
4.1 Algumas considerações sobre a sublimação.....	27
4.2 Humor: uma saída sublimatória?	34
5 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

O humor foi abordado por Freud em dois momentos de sua obra. O primeiro, em 1905, no final do livro “Os chistes e sua relação com o inconsciente” e o segundo momento, no ano de 1927, no contexto da segunda metapsicologia, no texto denominado “O humor”. Com o passar do tempo, e com uma nova estruturação da teoria psicanalítica o conceito foi aprimorado a partir das proposições da segunda tópica.

Acreditamos que este conceito carrega consigo uma grande importância, uma vez que se revela na teoria como uma saída outra ao adoecimento do sujeito. Para além desse sentido, alguns autores do cenário psicanalítico contemporâneo tem estudado o humor enquanto uma saída criativa e discutido a sua importância na clínica.

Pretendemos com este trabalho explicar a questão do humor a partir das formulações freudianas e de alguns autores que comentam sua obra, tendo como intuito compreender a concepção de Freud sobre o assunto, bem como as relações e articulações do humor com a sublimação.

O segundo capítulo, será dedicado ao estudo do humor em Freud, e para tanto recorreremos a obras de 1905 e 1927 nas quais o autor aborda esta temática. Inicialmente, apresentaremos alguns pontos comuns e divergentes entre os chistes, o cômico e o humor, para, enfim, enveredarmos na busca de compreender como o humor é entendido na psicanálise freudiana.

Em alguns momentos deste estudo, serão utilizadas obras de outros autores numa busca de ampliar a discussão e apresentar novos questionamentos e paradigmas para o conceito em questão. Dialogaremos em especial com os psicanalistas Abrão Slavutzky, autor do livro recentemente lançado “Humor é coisa séria” e Daniel Kupermann, autor da obra “Ousar rir: humor e psicanálise”. Ambos realizaram um estudo aprofundado do tema e nos revelam o humor em sua vertente criativa. Acreditamos que essas obras nos oferecem subsídios para pensar a relação existente entre o humor e a sublimação.

Partiremos do pressuposto de que o humor tem muito em comum com o processo de criação sublimatória. Tentaremos entender em que sentido a

metapsicologia do humor pode servir como instrumento para explanação e esclarecimento do processo de criação sublimatória.

O terceiro capítulo visa a apresentar e discutir o aspecto criativo do humor, levando em conta algumas de suas características relevantes para sua compreensão enquanto fenômeno de criação, grandeza e elevação. Nesse momento, buscaremos entender as colocações freudianas de que o humor tem relação com o infantil e com complexo paterno. Além disso, apresentaremos brevemente seus aspectos estéticos e éticos e relacionados a arte e ao laço social.

No quarto e último capítulo, propomos um estudo sobre a temática da sublimação, na tentativa de compreender de que se trata, para enfim, discutir os pontos em comum e possíveis articulações com o conceito de humor, numa tentativa de delinear essa relação sugerida. Seria o humor uma saída sublimatória?

2 HUMOR E PSICANÁLISE

O humor atua assim como álibi para o advento fulgurante de alguma verdade que corresponde ao sujeito e que figurava até esse instante no impossível de dizer.

(PEREDA, 2005, p.119)

Em seu livro de 1905, “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, Freud faz um aprofundado estudo dos chistes. Para o autor, os chistes têm um importante papel na vida mental, e a partir dessa ideia, realiza um estudo minucioso do assunto, já que segundo ele, até então não tinha recebido a atenção filosófica que merecia.

Segundo Kupermann (2010) a problemática do humor atravessa a obra freudiana desde o seu início, de diferentes formas. Está presente nas piadas judaicas que compartilhava com Fliess, no seu estilo literário, e enquanto temática de estudo no livro de 1905 e no texto de 1927. Mesmo antes de escrever o livro, Freud já se interessava pelo tema, fato este que se comprova, em sua coleção de anedotas de judeus.

Freud nota que existe semelhança entre os métodos de elaboração dos chistes e dos sonhos, e propõe que isso não se dá por acaso. Assim, toma para si, a tarefa de demonstrar com detalhes essas concordâncias e seus fundamentos.

Em linhas gerais, busca esclarecer a familiaridade entre algo que aparece nos sonhos e nos chistes, além de esclarecer a tendência à economia como a característica mais geral dos chistes e o modo como emerge o prazer resultante do dito chistoso.

Na parte inicial de seu trabalho, apresenta ao leitor inúmeros exemplos de chistes, na tentativa de compreender suas técnicas e métodos mais comuns e propor algumas classificações e diferenciações, para então tentar encontrar algo de universal entre eles.

É com essa proposta que o autor acaba por empreender uma investigação que resulta na elaboração de algumas diferenças e aproximações existentes entre o chiste, o cômico e o humor. Para falar do humor na teoria freudiana, será relevante compreender como o autor chegou à construção do conceito na obra de 1905, e investigar este percurso até o texto do humor de 1927.

2.1 O chiste, o cômico e o humor

Na obra de 1905, Freud se propôs a realizar um estudo detalhado dos chistes, visando a compreender sua técnica, o seu propósito, sua relação com os sonhos, com o inconsciente e também com os tipos de comicidade. Realizaremos neste momento, uma breve apresentação das três formas de comicidade -chiste, cômico e humor- buscando compreendê-las em suas especificidades e em suas características comuns.

A partir de Freud (1905) entendemos por chiste, aquilo que pela via da linguagem expõe algo que seria proibido socialmente de ser dito, sem que haja descumprimento de uma determinada lei ou ordem. Se o chiste fizer sentido para os envolvidos na “cena” do dito chistoso, pode-se dizer que terão como consequência um ganho de prazer, que por sua vez auxiliará a manutenção egóica.

Pela via do chiste, é possível dizer de algo que é proibido, sem que haja qualquer rompimento com a lei, gerando obtenção de prazer, diminuição do medo e da angústia e até mesmo viabilizando a expressão da agressividade de forma socialmente aceita. É nesse sentido, que o chiste auxilia o ego e sua manutenção, gerando alívio e prazer. Ele pode ser uma forma sutil e lúdica de liberação da agressividade e hostilidade, sem que a cultura e o social sejam desrespeitados ou descumpridos. Freud afirma que: “O que os chistes sussurram pode ter dito em voz alta: que as vontades e desejos dos homens têm direito de se tornarem aceitáveis ao lado de uma moralidade severa e cruel” (FREUD, 1905, p. 108)

Sendo o chiste uma forma de liberação sutil da agressividade, o sujeito não será considerado infrator ou desobediente, uma vez que usufrui do caráter lúdico, tão aceitável socialmente. Dessa forma, além de ter uma função para o indivíduo, o chiste tem uma função essencial ao coletivo, já que o sujeito não precisará infringir e transgredir leis e regras sociais para produzi-lo.

Os chistes possibilitam a satisfação de uma pulsão libidínica ou hostil face a um obstáculo. Ao evitar esse obstáculo torna-se viável extrair prazer de uma fonte que até então estava inacessível. (FREUD, 1905). Nesse sentido, Kallas (2010), afirma que no chiste algo da ordem do recalcado abre passagem e se mostra sem que o sujeito tenha que pagar o preço dos sintomas e angústias neuróticas.

No chiste, um pensamento pré-consciente é entregue por um momento à revisão inconsciente sendo considerado por Freud uma contribuição feita ao cômico pelo inconsciente. Para o autor, o prazer dos chistes está localizado no inconsciente, ao contrário do prazer cômico, que é resultado de duas despesas relativas ao pré-consciente: a despesa de quem pronuncia o dito cômico, e a despesa da outra pessoa que é objeto do riso.

Freud admite que os chistes são formações inconscientes quando estão a serviço de propósitos inconscientes ou propósitos reforçados pelo inconsciente. Nos chistes cínicos, por exemplo, o propósito inconsciente toma uma idéia pré-consciente e lhe dá uma nova forma, que por sua vez, aparece na consciência como criação. É formado pelo compromisso entre o pré-consciente e o inconsciente. Para Kallas (2010) o chiste é um modelo do inconsciente, nele “[...] uma representação inconsciente pega carona numa representação pré-consciente e se apresenta ao consciente do piadista, que a conta a um terceiro e produz nele um efeito, constatado pela risada.” (KALLAS, 2003, p.64)

A técnica do chiste tem uma capacidade - que não se sabe como foi adquirida - de evocar no ouvinte um sentimento de prazer que não se dá apenas pelo seu propósito ou conteúdo. Há uma conexão entre o prazer gerado naquele que escuta e, na técnica e no propósito do chiste. Freud revela ao leitor que o chiste é “uma atividade que visa derivar prazer dos processos mentais, sejam intelectuais ou de outra espécie.”(FREUD, 1905, p.96). Um bom chiste produzirá a sensação de prazer, sem que se possa dizer a princípio se procede da forma ou do conteúdo intelectual.

A psicogênese dos chistes nos ensinou que o prazer de um chiste deriva do jogo com as palavras ou da liberação do *nonsense* e que o significado dos chistes pretende simplesmente proteger o prazer contra sua supressão pela crítica. (FREUD, 1905, p. 127)

Para o autor os chistes costumam ser breves, elaborados como que de sopetão, já que se manifestam por uma imposição inconsciente que ultrapassa o recalque e os domínios do superego, e atinge, enfim, a consciência (o eu) daquele que o pronuncia e os ouvidos daquele que escuta o dito chistoso. Pelos chistes, o acesso ao prazer se dá através liberação da pressão e energia que fora recalcada.

Os chistes têm sua fonte psíquica no inconsciente e carregam consigo um endereçamento a uma terceira pessoa. Para que um chiste se dê, é necessário que a cena seja composta por aquele que fala, aquele que escuta e aquele a quem o chiste é dirigido.

O processo de chiste na primeira pessoa produz prazer pela suspensão da inibição e diminuição da despesa local; não parece entretanto chegar ao fim senão por intermédio de uma terceira pessoa interpolada, obtendo alívio geral através da descarga (FREUD, 1905, p.150)

O cômico, por sua vez, pode ser produzido de maneira espontânea (ingênua) ou intencional. O prazer oriundo deste efeito cômico, está na comparação entre duas despesas, relativas ao pré-consciente, e no contraste destas. Diante da possibilidade de fazer intencionalmente a comicidade, podemos utilizar dos outros, das coisas ou de nós mesmos para produzir efeitos cômicos através da comparação e da diferença.

A diferença cômica pode se dar por uma comparação entre si e uma outra pessoa, uma comparação no interior da outra pessoa, ou mesmo por uma comparação no interior do eu.

A mímica, a caricatura, a paródia, o travestimento, o disfarce, o desmascaramento são alguns dos métodos capazes de tornar as pessoas cômicas. A mímica é capaz de tornar o seu objeto cômico, mesmo que não tenha o mesmo efeito da caricatura, da paródia, do travestimento e do desmascaramento. Estes se dirigem a pessoas ou objetos que de alguma forma exigem autoridade e respeito e são apresentados por Freud, em algum sentido como sublimes, por serem “grandes” nos sentidos figurativo e psíquico, e por serem representados por uma despesa psíquica também grande. A caricatura tem como um de seus recursos a degradação do objeto ou sujeito em questão, uma vez que se enfatiza num plano geral um ou poucos traços, que são em si cômicos. A paródia e o travestimento também tem um efeito degradante na medida em que substituem as figuras eminentes e conhecidas por outras, colocadas no texto de 1905, como inferiores. O desmascaramento acontece, quando alguém, a princípio, se apropria da dignidade pela via da trapaça e em seguida é retirado e destituído deste lugar. (FREUD, 1905).

Para Pereda (2005) há no cômico uma tendência à universalidade, uma vez que este se afasta da “propriedade significante da palavra” e se aproxima do significado. O cômico se desenvolve no registro da imagem e tem como suporte o

contraste brusco e inesperado. Pode sofrer interferência em seu efeito se ocorrer uma liberação de um forte afeto. O sentimento cômico e o prazer oriundo deste se darão com mais facilidade quando se é mais ou menos indiferente, e onde não exista envolvimento emocional, sentimental ou interesse.

Diferentemente do chiste, no cômico a presença de uma terceira pessoa não é necessária. Para que se efetue, bastam duas pessoas: aquela que parece alguma coisa (pessoa que é objeto), e aquela que ri.

Quem vai determinar se o que fora proclamado é um chiste ou se é um dito cômico é a segunda pessoa (ouvinte), já que só será um dito chistoso se tiver sido compreendido pelo ouvinte sem a necessidade de tradução e/ou explicação posterior por parte daquele que pronunciou o dito.

Após abordar o cômico, Freud (1905) faz referência à compreensão do humor e na parte VII do livro se aventura na busca de compreender a natureza do humor a partir do que havia sido formulado até então a respeito dos chistes e do cômico.

Freud nos oferece uma explicação para diferenciar o cômico do humor: “[...] a pessoa que é vítima de ofensa, dor, etc. pode obter um prazer *humorístico*, enquanto a pessoa não envolvida ri sentindo um prazer *cômico*”. (FREUD, 1905, p. 212) (Grifos no original). Veremos que ao contrário do cômico, o humor procede de uma economia na despesa dos afetos.

No seu texto de 1927, *O humor*, Freud revela que “[...] o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer cômico ou dos chistes, que jamais encontra vazão no riso cordial.” (FREUD, 1927, p.169).

O humor tem uma peculiaridade em relação ao cômico e ao chiste que se situa no fato de que a presença de terceiros não é fundamental já que o prazer humorístico pode se dar em apenas uma pessoa. Compartilha com o cômico a sua localização no pré-consciente¹, enquanto que os chistes, são formados por um compromisso entre uma ideia recalcada inconsciente – que força seu aparecimento na consciência, por um superinvestimento no eu – e o pré-consciente, estando a serviço único da obtenção de prazer, ou mesmo de colocar a produção obtida, a serviço a agressão.

¹ Para Abrão Slavutzky considerar que o humor está relacionado ao pré-consciente e a piada com o inconsciente é um equívoco. Para ele as piadas (chistes) fazem parte do humor. O humor está ligado ao pré-consciente e ao inconsciente e tanto a piada como o humor tem raízes na segunda tópica, em especial no superego. A relação com o superego será apresentada mais adiante neste trabalho.

Vê-se nas diferentes formas de comicidade –mesmo que em diferentes intensidades- algo de comum: a primazia do princípio do prazer. Há nos três casos uma produção de prazer em consequência de uma economia na despesa psíquica. A partir de Freud, Kupermann (2003), afirma que o que diferencia os três, é a fonte que deriva a economia. Nos chistes o prazer resultante tem origem no prazer que é obtido na economia na despesa com a inibição, já que aquele conteúdo que estava recalcado pode se manifestar. No cômico o prazer advém da economia na despesa com o investimento em alguma representação que se mostra supérflua. No humor o prazer resulta de uma economia de despesa com o sentimento. Nos três casos, o riso, que decorre desses processos aponta para o resultado notável da economia de despesa psíquica que é comum às três formas. Essas diferentes formas de economia psíquica “encurtam” o caminho de uma ideia inconsciente até a consciência, dispensando a inibição do eu.

Outra diferenciação importante entre o humor, o chiste e o cômico se situa no seu caráter de elevação, já que o humor traz consigo o triunfo do narcisismo. Diante da realidade que pode ser provocadora, o ego afirma-se contra as circunstâncias reais, fazendo-se invulnerável, rebelde, e negando os traumas do mundo, guiado pelo princípio do prazer.

É com essa reafirmação e rebeldia que o sujeito encontra uma saída outra à realidade imposta por sua finitude e às verdades cristalizadas, fazendo-as faltosas. Ao rir de sua condição, encontra uma forma de lidar com os impasses e dores da vida. Estas características do humor serão estudadas com maior ênfase nos próximos capítulos deste trabalho, já que dizem respeito ao cerne do nosso problema de estudo. Dessa forma, apresentaremos a maneira pela qual Freud teorizou e construiu o conceito em psicanálise, para em seguida realizar um maior aprofundamento dos aspectos de elevação do humor.

2.2 O humor na obra freudiana

Como fora mencionado anteriormente, em sua obra, Freud aborda a questão do humor em dois momentos distintos. O primeiro em 1905, no livro “Os chistes e a sua relação com o inconsciente” e o segundo, vinte e dois anos depois no texto intitulado “O humor” de 1927.

Segundo Kupermann (2010) a problemática do humor atravessa a obra freudiana desde o seu início, de diferentes formas. Está presente nas piadas judaicas que compartilhava com Fliess, no seu estilo literário, e enquanto temática de estudo no livro de 1905 e no texto de 1927.

O humor seria, para o Freud, uma forma de obtenção de prazer, colocando-se como que no lugar de alguns sentimentos, através de uma economia na liberação de afeto. Freud indexa esses sentimentos ao humor por serem desagradáveis, penosos, insuportáveis e dolorosos ao sujeito.

O humor separa o afeto desprazeroso e desloca parte da energia deste a um aspecto secundário, gerando riso. Freud ressalta que o humor atua como um substitutivo, colocando-se no lugar dos afetos penosos tais como: raiva, dor, desprezo, indignação, horror, repulsa, compaixão, ternura. O prazer eclodido pelo humor se dá pela liberação do afeto, sem que ele se manifeste em sua essência, numa economia na despesa de afeto. A economia da compaixão é uma das mais frequentes formas de obtenção de prazer. Algumas das produções de humor são derivadas da inibição da raiva. Vale ressaltar que a natureza do humor vai variar com o tipo de sentimento que é economizado.

Freud considera esse processo como um tipo de deslocamento. O deslocamento humorístico implica numa despesa afetiva economizada e liberada em outra parte. Considerando o humor como um processo defensivo para impedir o desprazer oriundo de fontes internas, sugere que:

O humor pode ser considerado como o mais alto dos processos defensivos. Ele desdenha retirar da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz a repressão, e assim, domina o automatismo da defesa. Realiza isto descobrindo os meios de retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-o pela descarga em prazer. (FREUD, 1905,p.216)

Este processo de defesa pode ter íntima conexão com o infantil, uma vez que o adulto ri hoje dos dolorosos afetos da infância, e o humorista, por sua vez, ri de seus atuais. Além disso, a vangloriação egóica pode se derivar da comparação do ego atual com o infantil.

Ao rir de sua condição trágica, o sujeito evita o sofrimento e nos revela o humor enquanto mecanismo de defesa eficaz, uma vez que mantém o eu íntegro, mesmo em situações penosas e trágicas.

Além de pensar o humor como um processo defensivo, podemos toma-lo como processo criativo, sem que uma forma entre em contradição com a outra. Kupermann, nos ajuda nessa linha, ao afirmar que o humor também cria a realidade². Não se trata, portanto de uma negação da realidade, mas sim, de uma criação de uma outra, que tem sua origem na primeira e viabiliza maior leveza e dignidade ao sujeito.

Inicialmente, Freud, estabelece uma distinção considerando a quem a atitude humorística é dirigida: ao próprio eu do indivíduo, ou às outras pessoas. Independente do conteúdo humorístico observa-se uma produção de prazer naquele que faz o humor, e também naquele que escuta.

Detendo-se no processo do “humorista”, Freud afirma: “Não há dúvida de que a essência do humor é poupar os afetos a que a situação naturalmente daria origem e afastar com uma pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoção” (FREUD, 1927, p. 166). Trata-se de uma das diferentes maneiras de se desviar do sofrimento e da compulsão por sofrer, através de uma economia da expressão do afeto, que transforma-se enfim, em prazer humorístico.

O humor é entendido por Freud como umas das formas possíveis de comicidade, que tem em si algo de uma grandeza que se situa no triunfo do narcisismo, e na afirmação da invulnerabilidade do ego. A atitude humorística consiste, portanto, em um “tratamento” do sofrimento, na invencibilidade do ego pelo mundo real e no princípio do prazer.

No texto de 1905, o autor propõe uma explicação econômica ao afirmar que o prazer nos chistes parece provir de uma economia na despesa com a inibição, o prazer do cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia), e o prazer humorístico na despesa com o sentimento.

Vinte e dois anos depois, no artigo “O humor” escrito em 1927 , Freud retoma o assunto abordado no livro de 1905 e neste segundo momento, trabalha o tema a

² Apresentaremos o humor enquanto criação mais adiante, no capítulo 3 deste trabalho.

partir de sua segunda tópica³ relacionado-o ao conceito de superego. Apresenta uma consideração do humor do ponto de vista dinâmico, levando em consideração o ego e o seu núcleo, o superego, que por vezes se encontram fundidos, e em outras circunstâncias nitidamente diferenciados.

Neste momento do trabalho, torna-se necessário compreender como o conceito de superego é entendido na obra freudiana. A incidência da castração vem mostrar ao ego os seus limites, sua incompletude e sua finitude. Na busca de recuperar uma unidade e de se haver com a quebra do narcisismo primário, o ego, elabora uma imago paterna, por meio de processos identificatórios oriundos do complexo de Édipo, originando uma nova instância ideal para investir narcisicamente: o ideal de eu, que foi posteriormente denominado em 1923, como superego. O conceito Superego ou supereu foi introduzido na obra freudiana no texto “O ego e o Id”, já na segunda metapsicologia e foi trabalhado até as suas últimas publicações. Freud propõe que o superego é herdeiro do complexo de Édipo e tem sua gênese na substituição dos primeiros investimentos objetivos por identificações. Suas origens remetem a primeira identificação (identificação primária objetiva), na qual o ego se apropria dos investimentos do id, projeta-os nos objetos para em seguida introjetá-los pela identificação. A proibição imposta ao filho de realizar seu desejo incestuoso, é internalizada pelo eu da criança, como uma gama de proibições, normas e exigências morais e o superego seria o resultado da internalização da autoridade, da lei paterna, e da imposição parental dada no período edípiano. Essa instância psíquica apresenta-se de forma proibidora, punidora e reguladora da pulsão, ao assumir a função dada anteriormente pelos pais (principalmente pelo pai), após o fim do complexo de Édipo. O superego regulará a expressão da agressividade por meio de sua internalização zelando pela ordem social, representando as exigências do mundo externo para o sujeito. Assim, desempenha a função de impor um ideal de eu a ser cumprido e de regular e alcançar o cumprimento deste ideal por meio de sua função crítica, punindo o ego quando as leis morais são violadas (FREUD, 1932). Vê-se em grande parte dos

³ A segunda tópica da teoria freudiana diz respeito a uma nova proposta de divisão tópica do aparelho psíquico em eu (ego), superego (superego) e isso(id). Na primeira tópica a divisão do aparelho psíquico era dada da seguinte forma: consciente, pré-consciente e inconsciente. A mudança da primeira tópica para a segunda se deu principalmente em função da observação freudiana da compulsão à repetição, o que levou a constatação de que há um “mais além do princípio do prazer” e a elaboração de uma nova dualidade pulsional: pulsão de morte e pulsão de vida.

escritos relacionados ao assunto uma abordagem do superego em seus aspectos tirânico, coercitivo, severo e punitivo para com o ego. No entanto, no texto “O humor” de 1927, Freud apresentará uma versão inédita do superego, que desta vez se apresentará de forma cuidadora e afável.

O humor tem sua origem no pré-consciente pela energia que é retirada do eu para o superego. A princípio Freud sugere que no humor, existe uma inflação do superego, que gera alterações nas reações do ego. No entanto, em seguida, informa ao leitor que essa sugestão deve ser retida. Mais adiante afirma que “ o humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego” (FREUD, 1927, p.169). É nessa linha de raciocínio que apresenta o superego em outra face que não apenas a do “senhor severo”. Para Kupermann (2003) o que o humor acrescenta ao campo do prazer estético é a contribuição feita pelo superego ao dito humorístico. Ao brincar com o trágico, o humorista transgride o princípio da realidade, autorizado pelo superego, em prol de uma ilusão ou de uma nova criação da realidade. Conforme afirma Ribeiro:

O humor é rebelde ao se contrapor a uma realidade deserotizada, à resignação de uma inércia psíquica, à cisão entre os princípios do prazer e de realidade, à melancolia do desinvestimento libidinal, à resignação masoquista, ao real implacável. Consegue-se essa proeza quando a carga libidinal do eu afligido é transferida para o superego, inflando-o, de modo que este último, assim fortalecido, se torna afável e complacente, como teriam sido os pais da infância ante a criança desamparada. (RIBEIRO, 2008, p. 108)

Até então, sabia-se de um superego que não cederia ao ego a possibilidade de obter prazer. Através do humor o superego nega a realidade, e obtém um prazer que nas palavras de Freud seria liberador e enobrecedor:

Se é realmente o superego que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego.” (FREUD, 1927, p.169).

Freud é enfático ao afirmar que a vertente consoladora e protetora do superego em relação ao ego, não contradiz a sua origem no agente paterno, já que este também implica os cuidados, investimento e carinho dispensados à criança.

Por fim, Freud (1927) informa ao leitor que nem todos são capazes da atitude humorística ou mesmo de fruir o prazer humorístico apresentado por outrem e que estes são dons raros e preciosos.

3 HUMOR E CRIAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos algumas facetas do humor que nos levam a pensá-lo enquanto criação. Kupermann (2003) aborda em seu livro “Ousar rir: Humor, criação e psicanálise” a problemática do humor, examinando as formulações freudianas sobre o assunto, e apresentando ao leitor, possibilidades de compreensão do tema, a medida em que utiliza-se de frases e expressões colocadas por Freud em suas principais obras que versam sobre a temática em questão.

Trabalharemos neste momento o humor enquanto um retorno ao infantil, ligado ao complexo paterno, em suas dimensões estética e ética, aproximado da arte e do laço social.

3.1 Da brincadeira infantil ao complexo paterno

Nômade o humor afirma a liberdade do pensamento, não tendo propriedade para valorizar ou reino a defender. Fazendo-nos crianças, nos ensina que, se retornaremos inexoravelmente ao pó, podemos construir nossos castelos de areia. (KUPERMANN, SLAVUTZKY, 2006, p. 9).

No texto “Escritores criativos e devaneios” de 1908, Freud, articula o brincar infantil à criação artística, mais precisamente à escrita. A partir deste texto, Kupermann (2003) propõe que é justamente a partir dos jogos infantis e de sua relação com a imaginação que podemos pensar o problema da criação sublimatória. No brincar infantil há o predomínio do princípio do prazer, e isso pode levar a pensar que o brincar estaria distante da realidade. No entanto, não se trata de separar o brincar, da realidade, uma vez que a brincadeira não nega a realidade, mas sim, a reconstrói de forma prazerosa, comprometida e séria, já que nela estão envolvidas emoções, afetos e libido. O brincar e a realidade se conectam na medida em que o prazer e a realidade se somam e proporcionam a criação de subjetividade

Quando nos deparamos com a criação artística, estamos também diante da imaginação, que é a via entre a criação e a brincadeira infantil. Da mesma forma que o escritor criativo, a criança pode por meio da brincadeira, recriar o seu mundo de uma forma que lhe seja adequada.

O que a experiência do lúdico infantil e da criação artística vem indicar, no entanto, é que não há realidade deserotizada, não havendo oposição, e sim, conflitualidade e movimento permanente, entre o que se concebe como princípio de prazer e princípio de realidade. Esse é o sentido do que se poderia chamar de razão lúdica na qual a imaginação é parte constitutiva do trabalho psíquico de construção da realidade que opera no jogo infantil e nos processos de criação sublimatória. (KUPERMANN, 2003, p. 90-91)

No pequeno texto “Escritores criativos e devaneios”, Freud sugere que quando adulto, a pessoa pode se recordar da seriedade pela qual conduzia suas brincadeiras e comparando-as com a seriedade pela qual realiza suas atividades e ocupações, se ver livre do peso imposto pela vida e quem sabe assim, conquistar um intenso prazer que provém do humor.

Freud não fez neste texto alguma outra menção a respeito do humor, no entanto, a partir do que fora colocado, podemos pensar que assim como o escritor literário, o humor tem sua fonte e é uma forma de atualização do brincar infantil (Kupermann, 2003). Ele reajusta alguns elementos da cena e da situação de forma prazerosa e levada a sério, já que assim como as brincadeiras, está carregado de afetos e libidinização.

[...] o humor, não se opõe ao que é sério, mas a uma realidade deserotizada e à lucidez mórbida criada por uma concepção de mundo na qual princípio da realidade e princípio do prazer, encontram-se inelutavelmente dissociados. (KUPERMANN, 2003, P.93)

Podemos dizer que o humor, os chistes e o cômico são formas de resgatar as “velhas liberdades” infantis. Assim o objetivo destes, seria de reviver algo do infantil e restabelecer o prazer.

O retorno ao infantil, só é possível, pois o prazer preliminar infantil está disponível para o psiquismo adulto. O prazer preliminar, fonte, segundo Freud, de todo prazer estético, nos revela que o erotismo humano é “um incansável buscador de prazer”.

No texto de 1927, Freud afirma que no humor o indivíduo se comporta para com os outros ou com ele mesmo da mesma forma com que um adulto faz com uma criança ao constatar e sorrir dos interesses e sofrimento triviais desta, que são por elas, considerados tão válidos e importantes.

O humorista toma para si um papel de superioridade, identificando-se até certo ponto com o pai. Assume então, o papel do adulto ao se identificar inconscientemente à figura paterna e ao se colocar superior da mesma forma que um adulto se posiciona em relação a uma criança. Assim, reduz o seu público ao infantil ao se apropriar dos ouvintes como tal.

Freud, dá continuidade a essa ideia ao afirmar que o superego é herdeiro do agente paterno e que a relação das duas instâncias –ego e superego- implica dependência, uma vez que o superego faz com que o ego se mantenha dependente, tratando-o como os pais, ou mais precisamente o pai tratou o filho no início da vida.

Será possível compreender o fenômeno humorístico, se consideramos que aquele que pronuncia o dito, tira a ênfase psíquica de seu ego e coloca-a no superego, que por sua vez reprime as possibilidades do ego reagir. Com o superego inflado, o ego fica pequeno. O superego trata o ego como o seu filho, comandando, cuidando, afagando e ditando as regras. Vê-se uma nova distribuição de energia, em que o herdeiro do agente paterno, consegue “reprimir as possibilidades de reação do ego” (FREUD, 1927, p,192)

Além de tyrannizar e reprimir o ego, o superego protege. Freud afirma que essa proteção e consolo não impedem que o superego tenha sua origem no agente paterno. Essa colocação nos leva a pensar na relação ambivalente com o pai, e que no complexo paterno, além das proibições, regras e preceitos morais, também estão embutidos no trato com a criança, os investimentos, manejos e cuidados que lhe foram dispensados.

Kupermann, (2003) a partir de Lacan, afirma que as duas instâncias herdeiras da imagem paterna são o superego e o ideal de ego⁴, que por sua vez instiga à sublimação e o humor. Nesse sentido, ao identificar-se até certo ponto com o pai, o sujeito brincará de adulto, investindo e recriando o seu ideal de ego e realizando o seu ego ideal, só que de forma trágica.

A operação realizada pelo adulto que humoriza é similar ao brincar infantil, pois obedece às mesmas leis, onde desaparece a oposição entre o brincar e a realidade. Identificando-se até certo ponto com o pai o sujeito brincará de adulto, e poderá recriar e investir em seu próprio ideal de ego, sem que confunda o seu eu do

⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1988) o ideal de ego é uma instância da personalidade que resulta do narcisismo e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. Trata-se de uma expressão utilizada por Freud em sua segunda metapsicologia.

presente com a totalidade das potencialidades de seu existir. Para Kupermann (2003) aí está o sentido da grandeza e elevação atribuídos por Freud, ao humor.

3.2 Humor: dimensões estética e ética

A psicanálise freudiana, por vários momentos, vai ao encontro do campo da estética e da criação. Freud contribuiu para o estudo da estética na medida em que se propôs a estudar e compreender os processos criativos e seus efeitos no artista, bem como, naquele que se depara com o que foi produzido.

O livro dos chistes de 1905 pode ser considerado uma contribuição estética, uma vez que examina as formas de fruição de prazer através das produções artísticas e culturais (KUPERMANN, 2003). É nesse sentido que o autor sugere que:

O sentido do dito humorístico não pode ser reduzido ao seu significado ou conteúdo representacional, tendo como componente essencial da sua eficácia na obtenção do prazer uma determinada forma de dizer – que configura sua dimensão estética. (KUPERMANN, 2003, p.50)

É essa “determinada forma de dizer”, que atribui ao humor um caráter estético. A partir de Freud (1927), vimos que há uma visível contribuição do superego para com o dito humorístico e, nesse sentido, Kupermann (2003) nos provoca a pensar na possibilidade de um “superego esteta”. Este é representado pelo nosso ideal do ego que se reconhece castrado mas, que permite rir, afirmando a onipotência erótica infantil, e rearranjando a realidade à sua maneira, mais prazerosa. Assim como em toda expressão artística, o humor tem como premissa a busca do prazer preliminar, que por sua vez está a serviço do superego.

Pela via do humor, é possível obter produção de prazer de forma ousada e irreverente, sem ser necessário utilizar da agressividade e ainda desviar do sofrimento, sem adentrar nas diversas maneiras que o homem encontrou para fugir da compulsão por sofrer, tais como a neurose, a loucura, a intoxicação, dentre outras. Por essa característica, o humor para Freud possui uma dignidade que o chiste, por exemplo, não possui. Kupermann (2003) afirma que essa dignidade está

também associada ao patético, na medida em que o esvaziamento egóico denuncia o fracasso das idealizações narcísicas.

Para Freud “O humor não é resignado, mas rebelde” (FREUD, 1927, p.166). Através das colocações que Freud fez sobre os aspectos de rebeldia e teimosia do humor, Kuperman propõe uma reflexão sobre a ética do humor, que se aproximaria da ética proposta por Lacan (1959-60): a ética do desejo.

Se podemos, portanto, encontrar uma positividade na rebeldia própria ao humor, esta residiria, justamente, no fato de o humor poder ser considerado uma afirmação, pelo sujeito, da sua dimensão erótica e desejante mesmo frente as adversidades que lhe são impostas pelo destino e pelo acaso.(KUPERMANN, 2003, p.57)

O humor carrega consigo uma ética que implica não ceder do próprio desejo em função do desejo do outro. Faz-se teimoso em relação aos imperativos culturais, numa afirmação que insiste em retirar do trágico e do que já está posto, algo da virtude ou da criação.

Assim, quando fala do humor, Kupermann aposta em algo que está para-além do triunfo egóico, e que se situa na afirmação rebelde, insistente e teimosa do erotismo e do desejo diante das adversidades impostas pelo real.

Para Slavutzky a ética do humor elimina as formas de hierarquia (econômica, política ou religiosa). Nela, os riscos se revelam pequenos ou pouco espirituosos, o inevitável passa a ser suportável, a verdade questionada, e a vida se segue no sorriso diante do que fracassou: “A ética do humor se diverte com as ilusões e não entra em pânico, nem diante da morte, afirmando seu poder erótico diante das adversidades.” (SLAVUTZKY, 2014, P. 29) O humor “nada contra a corrente”, assume o caráter cômico presente no trágico fazendo das dores matéria prima de sua produção, para, enfim, alcançar o triunfo e a dignidade.

3.3 Humor, arte e laço social

[...]o humor tem algo de libertador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação[...]
(FREUD, 1927, p. 166)

Após afirmar que o humor possui qualquer coisa de grandeza e elevação, Freud pontua que essa grandeza se situa no triunfo do narcisismo, na sustentação

da invulnerabilidade do ego que se recusa a ser prejudicado e sofrer pelas provocações da realidade.

A sua grandeza está também no fato de que diante dessa recusa, algo é produzido e criado. Para Souza (2005) o humor revela outro ponto da história, o avesso de uma intenção e o sentido oculto de uma palavra. Através da crítica, (re)cria a realidade dura que fere o narcisismo, de uma forma sutil, prazerosa e inteligente.

Souza (2005) sugere que a rebeldia presente no humor diante do que está instituído e enrijecido é condição da criação de novos sentidos e do ganho de prazer. Slavutzky ressalta que: “O humor é uma colonização do princípio do prazer nos reinos do princípio da realidade” (SLAVUTZKY, 2014, P. 82). A criação humorística, nesse sentido, funciona como um corte ou erupção no que está cristalizado, deixando fluir novas possibilidades de entendimento, significação e conseqüentemente, escolha. O humor abre portas ao que resta de liberdade, permitindo rir do trágico, de temas proibidos e viabilizando a escolha dos sentidos e significações, para além do que já está posto, de modo a se ver livres (ou ao menos mais aliviados) do medo, da culpa e de desejos mortíferos. A esse grande movimento, chamamos de rebeldia criativa.

Assim como a arte, o humor é capaz de fazer laço social. Kuperman, ao se referir ao artista, afirma que este, afasta-se da realidade, por não suportar as frustrações e refugia-se num mundo fantástico. É justamente através de seus dons artísticos que consegue um retorno à realidade, uma vez que transforma suas fantasias em verdades valorizadas socialmente como reflexos preciosos de realidade. Da mesma forma, o humor (re)cria a realidade, criando ditos que podem ser valorizados socialmente, viabilizando o laço social.

Kupermann, e Slavutzky (2006) na apresentação do livro “Seria trágico... se não fosse cômico”, comparam o humor à obra de arte, no que diz respeito ao embate do sujeito com a realidade trágica e finita que recusa e que gera mal estar e sofrimento, mas também que possibilita o resgate da liberdade criativa.

Para Freud o humor é um dom raro e precioso. Raro, pois nem todos são capazes de produzir humor ou mesmo de provir prazer de um dito humorístico pronunciado por outro. Mesmo porque muitas vezes se torna difícil (ou quase impossível) derivar graça da desgraça, como se faz em um tipo específico de humor. Precioso, pois garante ao sujeito obtenção de prazer, pela via da criação,

valorizada socialmente, o que viabilizará laço social, gratificações diante do outro, reconhecimento e boas gargalhadas.

4. SUBLIMAÇÃO E HUMOR

Podemos conceber o humor enquanto uma saída sublimatória? Essa foi a pergunta que nos motivou a estudar o humor e a sublimação e escrever este trabalho. Dedicaremos a primeira parte deste capítulo ao estudo da sublimação, e na segunda, apresentaremos algumas das semelhanças encontradas entre o processo sublimatório e o humorístico.

4.1 Algumas considerações sobre a sublimação

A sublimação é um conceito freudiano que traz consigo uma gama de sentidos e problemáticas, o que torna difícil, uma única definição que abranja todas as suas ideias e particularidades. Não há um texto no qual Freud tenha se dedicado a um exame minucioso do assunto. Pelo contrário, a sublimação aparece em momentos distintos da obra freudiana, ligada a outros conceitos, temas e perspectivas.

Quando lidamos com a sublimação estamos diante de uma temática que se apresenta na obra freudiana em seus paradoxos. Para Laplanche e Pontalis (1988) a ausência de uma teoria coerente da sublimação é uma das lacunas da teoria e pensamento psicanalítico.

No Vocabulário da psicanálise de Laplanche e Pontalis (1988), a sublimação é apresentada enquanto um processo que tem como elemento propulsor a força da pulsão sexual, sem que tenha qualquer relação com a sexualidade. A pulsão sublimada é colocada em um novo alvo, não sexual que visa objetos valorizados socialmente, tais como a atividade artística e a investigação intelectual.

Laplanche e Pontalis (1988) revelam que em diferentes momentos de sua obra, Freud utiliza-se da noção de sublimação para compreender do ponto de vista econômico e dinâmico, determinadas atividades valorizadas socialmente, que não estão diretamente ligadas ao alvo sexual. O que se altera, não é a intensidade ou a exigência de satisfação da pulsão, mas sim o seu alvo (objeto) para a sua satisfação. O trabalho intelectual seria proveniente da repressão dos elementos perversos da excitação sexual.

Iniciaremos uma breve apresentação e conceituação da sublimação, percorrendo algumas das principais obras nas quais Freud fez referência ao conceito.

No segundo ensaio dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, Freud aborda a questão do desvio das pulsões sexuais para novas metas, num processo nomeado por ele como sublimação, que tem início no período de latência⁵ sexual da infância.

A sublimação da pulsão sexual, neste texto é descrita como que ocorrendo no caminho da formação reativa⁶, no entanto, Freud ressalta que em geral podemos distingui-las já que a sublimação também pode ocorrer por meio de outros mecanismos, e tem uma amplitude maior.

A sublimação é considerada uma maneira de satisfação das pulsões, já as formações reativas, dizem respeito a formas de barrar essa satisfação. Em alguns momentos Freud aproxima os dois processos e, em outros, os distingue e assim, no primeiro caso a sublimação pode ser tomada enquanto defesa e, no segundo, como uma maneira de satisfazer as pulsões sexuais.

Para Neto (2007) a articulação proposta por Freud entre a sublimação e a formação reativa coloca em questão a suposta conciliação entre o indivíduo e a sociedade, uma vez que não é garantida a satisfação verdadeira do indivíduo e tampouco a preservação da sociedade diante dos ímpetos individuais.

Ao final do segundo ensaio, Freud afirma que as mesmas vias que servem as perturbações sexuais, podem servir para estimular, as forças pulsionais sexuais por objetos não sexuais, isto é, para a sublimação da sexualidade. (FREUD, 1905)

No texto “Moral sexuada civilizada e doença nervosa moderna” (1908) Freud apresenta ao leitor a sublimação enquanto a capacidade de trocar o objetivo sexual por outro, não mais sexual, mas relacionado ao primeiro. Vê-se assim, uma

⁵ Para Laplanche e, Pontalis (1988) o período de latência é o tempo que marca o declínio da sexualidade infantil, por volta de cinco ou seis anos de idade, no declínio do complexo de Édipo, até o início da puberdade. Observa-se neste período uma diminuição das atividades sexuais, uma dessexualização das relações de objeto e o aparecimento de aspirações morais, do pudor e da repugnância. Esse tempo corresponde a uma intensificação do recalque que tem como resultado uma amnésia dos primeiros anos de vida, uma transformação dos investimentos objetivos em identificação com os pais e por fim, o desenvolvimento das sublimações.

⁶ Para Laplanche e, Pontalis (1988) a formação reativa diz respeito a uma atitude psicológica de sentido contrário a um desejo recalqueado que se dá como uma reação oposta a ele.

dessexualização dos alvos das pulsões sexuais. A civilização existiria graças à repressão e a renúncia a satisfação pulsional desordenada.

Diante da repressão imposta e da renúncia exigida ao sujeito, temos duas saídas: a formação de sintoma - que mantém o sujeito alienado de seu desejo - e/ou a sublimação, que seria uma forma menos patológica de resposta.

A sublimação, na concepção freudiana de 1908, diz respeito a um desvio da energia pulsional para outros objetos não sexuais e capazes de produzir bens para a cultura e a manutenção da ordem. Mais adiante no mesmo texto, Freud parece empreender uma crítica a oposição entre sublimação e a atividade sexual:

A relação entre a quantidade de sublimação possível e a quantidade de atividade sexual necessária varia muito, naturalmente, de indivíduo para indivíduo, e mesmo de profissão para profissão. É difícil conceber um artista abstinente, mas certamente não é nenhuma raridade um jovem estudioso abstinente. Este último consegue por sua autodisciplina liberar energias para seus estudos, enquanto naquele provavelmente as experiências sexuais estimulam as realizações artísticas. (FREUD, 1908, p. 181)

Parece-nos, que as realizações artísticas, desse ponto de vista, são mais estimuladas pelas experiências eróticas do sujeito do que resultado de uma dessexualização.

Em “Cinco lições de psicanálise” de 1910, Freud afirma que na sublimação a energia dos desejos infantis permanece passível de utilização, e substitui o alvo por outro mais elevado, e não mais sexual. Permuta-se o caráter sexual da pulsão, por outro, valorizado socialmente:

Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a chamada sublimação, pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quicá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. (FREUD, 1910, p.64)

No mesmo ano, no livro “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” de 1910, a criação artística de Leonardo é apontada como tendo relação com a sublimação das suas pulsões sexuais infantis. Freud apresenta ao leitor cenas, momentos, fases da vida e tece alguns comentários, tendo em vista suas produções artísticas. Para Freud, o artista tem a capacidade de exprimir em suas obras seus impulsos mais secretos, muitas vezes desconhecidos por ele mesmo. Essas

produções são capazes de provocar e impressionar pessoas estranhas ao artista, que por sua vez, também desconhecem a origem das emoções que sentem diante do que foi criado.

A sublimação é, neste livro, apresentada como tendo sua origem nas experiências sexuais infantis, e está ligada aos destinos das pulsões de ver e de saber presentes no desenvolvimento humano. É um processo erótico, no qual a pesquisa e a pulsão de saber estimulam a expansão erótica e as experiências sexuais incentivam a produção de saber. Nessa nova concepção da sublimação, a sexualidade e o erotismo não estão excluídos da produção de bens culturais.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), Freud nos traz a questão da tensão entre o Eu e o objeto, e a sublimação como um dos possíveis destinos, com o intuito de reaver uma experiência com o objeto perdido. Ou seja, o sujeito pode vir a investir em outro objeto, que não o primeiro, percorrendo novas vias.

A sublimação em Freud se revela então, como uma forma de satisfação pulsional que se faz inibida de seu objeto. Levando em conta a soberania da pulsão e o fato de que o sujeito é incapaz de renunciar a uma experiência de satisfação que já obteve, a sublimação se dá como um caminho que esvazia o privilégio de formas (objetos) muito arbitrárias.

No texto “O ego e o Id” de 1923, Freud propõe que a sublimação se dá por intermédio do ego. Sugere que o ego transmuta a libido de objeto sexual em libido narcísica, colocando-lhe outra meta.

Para Kupermann (2003), a dessexualização apresentada neste texto ganha o sentido de transformação da libido de objeto sexual em libido do ego narcísica, que se faz útil para o rompimento de investimentos objetais já existentes e assim, o encontro com outros objetos de investimento erótico. A sublimação, desse ponto de vista, não é mais tomada enquanto dessexualização do alvo da pulsão. O ego media a mudança de objeto, e recebe a energia que agora está livre com o abandono do que se investia anteriormente.

A pulsão de morte tem a capacidade de desligar-se dos objetos de investimento erótico do sujeito. Sendo assim, passa a ter papel crucial na sublimação, e o trabalho sublimatório se dará numa dessexualização da libido, e numa reerotização do mundo e da existência. A libido terá como o destino o ideal de ego, que por sua vez, demandará o movimento de busca de novos objetos para a satisfação erótica. A pulsão de morte, em sua exigência de trabalho, levará o sujeito

a buscar soluções singulares para a exigência de trabalho, o que poderá resultar no encontro com novos objetos criativos, capazes de satisfazê-la. (Kupermann, 2003)

Kupermann revela que a teoria da sublimação ganha novos contornos na Conferência XXXII. Neste período o conceito de pulsão de morte já fazia parte da metapsicologia freudiana e influenciou na concepção de Freud da sublimação, que não estava mais referida apenas a uma dessexualização do alvo da pulsão, e passou a ser tida como uma mudança do objeto de satisfação.

Vimos que no percurso da obra freudiana, encontramos maneiras distintas de ler e compreender a sublimação. A primeira leitura, revela que na sublimação as pulsões sexuais teriam seu alvo substituído por um outro, desta vez dessexualizado e coerente com as normas e exigências da civilização. Esse aspecto da sublimação diz respeito a renúncia da satisfação pulsional para se manter a ordem da civilização, respeitando o princípio da realidade. (KUPERMANN, 2003)

Kupermann (2003) afirma que após a formulação da segunda tópica e da estruturação dos conceitos de narcisismo, pulsão de morte, superego e ideal de ego, a sublimação passa a ser pensada para-além do recalque e da renúncia. Assume-se que há uma mudança no objeto da satisfação pulsional, sem que haja dessexualização no objetivo das pulsões. O sujeito encontra uma via criativa para a satisfação, criando objetos para sua satisfação erótica e ainda partilha com a civilização esse objetos. Aí, a sublimação não se dá em função do princípio da realidade, e o erotismo e a sexualidade passam a ser partilhados por objetos valorizados culturalmente.

A sublimação diz, portanto de uma plasticidade pulsional, já que uma forma de satisfação sexual é renunciada e outra forma aparece, mantendo sua origem sexual, mas transformando-a em arte. Assim, o vazio é aliviado, enfrentado e contornado.

Lacan, no Seminário VII “A ética da Psicanálise” (1959-1960) recoloca em discussão o termo *das Ding*, que já fora trabalhado por Freud anteriormente em “Projeto para um Psicologia Científica” (1895), como sendo o objeto perdido de uma satisfação mítica.

A ideia de sublimação é no seminário VII relacionada a de *das Ding* (A coisa), na medida em que ela é retratada e representada por aquele que sublima, mesmo que a coisa seja impossível, inapreensível.

Como lhes disse, a Coisa é o que do real padece dessa relação fundamental, inicial, que induz o homem nas vias do significante, pelo fato mesmo de ele ser submetido ao que Freud chama de princípio do prazer, e que está claro, espero, no espírito de vocês, que não é outra coisa senão a dominância do significante – digo, o verdadeiro princípio do prazer tal como ele funciona em Freud. Em suma, é o efeito da incidência do significante sobre o real psíquico que está em causa, e é por essa razão que a empresa sublimatória não é pura e simplesmente insensata sob todas as suas formas – responde-se com o que está em jogo. (LACAN, 1959-1960, p. 164).

A sublimação possibilita encontrar algo que represente o sujeito para o outro e se apresenta como uma das saídas possíveis diante do vazio fundamental, como uma solução à “mortalidade” do eu e dos objetos, retendo assim algo do prazer e de uma suposta unidade com o objeto

Em Lacan (1959-1960), a sublimação é entendida como uma satisfação substitutiva que, no entanto, representa o que é inabordável. Produz-se diante do resto, da coisa, da impossibilidade de traduzir, enfim: das Ding. Não tem uma contrapartida simbólica e Das Ding, é a presença de um vazio, de uma ausência, aquilo que retorna e que nunca muda.

O objeto – uma vez que especifica as direções, os pontos de atrativo do homem em sua embocadura, em seu mundo, uma vez que o objeto lhe interessa por ser mais ou menos sua imagem, seu reflexo – esse objeto, precisamente, não é a Coisa, na medida em que ela está no âmago da economia libidinal. *E a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – ela eleva um objeto [...] à dignidade de Coisa.* (LACAN, 1964/1988, p. 137)

Com isso, pela via sublimatória o objeto representaria o que não é representável, fazendo semblante da Coisa, e como uma alternativa ao que não muda. A coisa em sua imutabilidade não pode ser simbolizada e condição para poder desejar, operando como causa de desejo. Das Ding é aquilo que resiste ao sistema de traços mnêmicos, não assimilável, fora-do-significado.

Encontramos aí um outro modo de acessar o sentimento ético, localizando algo na experiência que representa A coisa - que parece não existir para o superego, já que este é “pleno” e “consistente”. A psicanálise neste sentido, se dá pela consideração da pulsão como forma de acessar o laço social que não pelo dever, onde o sujeito possa sair do lugar de impotente ao qual o superego insiste em

colocá-lo. A sublimação aparece aí como outra via de acesso ao mundo moral, e aí, o sujeito aparece enquanto tal, acrescentando algo ao laço social.

O ideal de ego assume um importante papel na sublimação ao permitir que o sujeito estabeleça laço social e dissolva as identificações narcísicas já constituídas. Dessa forma poderá erotizar a vida, e não mais, se submeter a tirania superegóica, em uma ação destrutiva da pulsão de morte, que oprime o sujeito.

Lacan nos apresenta a sublimação como uma ferramenta da/para a análise, e dá consistência clínica a este conceito. O objeto que jamais será encontrado é a coisa. A coisa se situa entre o Real e o significante, representando o furo que o primeiro faz no segundo. A sublimação, por sua vez, organiza algo no campo do vazio, levando o sujeito a assumir e fazer algo no campo do desejo. A sublimação então, se dá no espaço entre o sujeito e o laço social.

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem pertencem ao registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de não poder ser representada por outra coisa - ou mais precisamente pelo fato de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Mas em toda forma de sublimação o vazio será determinante. (LACAN, 1959-1960, p.158).

Segundo Regnault (2001) quando o vazio representa a coisa, estamos do lado do real, e quando outra coisa a representa, estamos do lado da arte. A arte neste sentido “[...] utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real. Ele (o vazio) está entre o real e o significante.” (REGNAULT, 2001, p.30).

Kupermann (2003), afirma que o sentido maior da sublimação em psicanálise está na possibilidade de uma criação singular que faz resposta ao enigma de o que fazer com a exigência pulsional de trabalho, e, ainda ser passível de ser compartilhado e afetar o outro, promovendo laço social.

Para Slavutzky a sublimação é a criação de um objeto que represente quem a criou para os outros:

Um exemplo é a criação artística, na qual o público, de alguma forma, reconhece com gratidão o artista. Na sublimação há um reconhecimento do que foi criado pelos demais [...] Quem cria sente o gozo do criador, gozo emocionante, excitante, no qual se recupera uma parte da onipotência infantil. O desafio de quem cria, o de ser aprovado ou não, é angustiante, e a questão não é só o aplauso da sociedade. A questão é o confronto com o Superego, o pai imaginário, quanto ao direito de superá-lo (SLAVUTZKY, 2014, p. 334)

Diante das imposições pulsionais de exigência de trabalho, das injunções morais superegoicas e também dos imperativos civilizatórios, cada sujeito encontrará, à sua maneira, formas de lidar, conviver e se colocar. Ou se refugiará na renúncia de seu erotismo, escondendo e apoiando-se atrás do Outro, ou poderá superar a covardia moral e criar objetos singulares para sua satisfação pulsional passíveis de serem transmitidos.

4.2 Humor: uma saída sublimatória?

“Onde não há heróis, há Eros”
(KUPERMANN, 2003, P.128)

Acreditamos que neste momento do nosso trabalho, já temos dados suficientes para responder a questão que dá nome a este trabalho. Apresentaremos nas próximas linhas os aspectos comuns, que pudemos apreender até então, entre humor e sublimação.

Humor e sublimação são considerados por Freud dons raros. Nem todos serão capazes de sublimar, de produzir um dito humorístico ou até mesmo, de sorrir diante do humor. São dons raros e preciosos, pois são também saídas saudáveis aos sujeitos, valorizadas pela civilização, que apontam para a possibilidade de se fazer sujeito no laço social, sendo coerente com o próprio desejo, mas também acrescentando algo à cultura. Os resultados desses processos podem ser desde um objeto criado que enlaça o outro e que garante a si mesmo, produção de prazer, até a possibilidade de dar risadas diante do trágico.

Vimos anteriormente o papel da regressão ao infantil e da dimensão imaginária no humor. Para Slavutzky (2014) o adulto recupera a capacidade infantil de brincar, fazendo humor consigo mesmo, com os outros, brincando com as palavras, gestos e sentidos ocultos. A sublimação é um processo que também resgata algo do infantil já que assim como na brincadeira, o sujeito se apropria da realidade, representando-a sob outros aspectos, mais criativos e as suas fantasias são transformadas em verdades passíveis de valorização social.

Para Kupermann (2003) o humor e a criação sublimatória, caracterizam efetivamente triunfos nos quais a onipotência erótica infantil é a força que move o aparelho psíquico na direção da satisfação pulsional e da realização de desejo.

Slavutzky (2014) revela que o humor desempenha um papel similar ao da poesia, e do infantil, na medida em que se pode extravasar o interior da alma e se libertar das tensões. Pelo humor e pela poesia podemos gozar de nossas fantasias, sem ter que sentir culpa. O autor sugere ainda, que uma criança de um ano e meio já é capaz de produzir humor, e assim aliviar a realidade traumática, promovendo diversão a si mesma e aos outros.

Acreditamos que é mais adequado conceber o humor enquanto um processo criativo, do que enquanto um processo defensivo, como Freud sugeriu em seu texto de 1905, no entanto reconhecemos que um processo criativo pode carregar consigo aspectos defensivos. Naquele momento, o autor abordou o humor enquanto um tipo de deslocamento que se referia a uma economia de uma despesa psíquica que seria liberada em outra parte.

O humor atua por um caminho diferente do recalçamento ou da compulsão pelo sofrimento, dando novos contornos à realidade. É uma forma de sublimação, que está para além do triunfo egóico, e se dá através de uma ética do desejo e do erotismo. A rebeldia criativa implica uma não conformidade com as imposições destinadas ao sujeito, viabilizando a criação de novos sentidos, uma reerotização do mundo, da existência e ganho de um prazer sublimatório.

Assim como existe um entrelaçamento estético e ético no humor, é evidente que a sublimação também possui esta ligação. Pela sublimação, cada sujeito produzirá objetos que serão valorizados esteticamente. A sublimação implica uma ética, uma vez que o sujeito, diante do vazio, e do que não se consegue palpar ou mesmo capturar via linguagem, constrói um objeto que de forma surpreendente ocupa o lugar da coisa, e garante ao artista possibilidade de apreender o inapreensível e de compartilhar com o outro, algo absolutamente singular, que, no entanto, é capaz de tocar profundamente aquele que aprecia o que fora produzido.

Diante do vazio fundamental, desamparo e da dor o aparelho psíquico do criador da obra ou do humor parece ter uma tendência interna de funcionar sublimatoriamente. Nesse sentido, uma possibilidade para se desviar do sintoma está justamente na experiência da criação, seja de um objeto valorizado, ou de um dito humorístico.

Para Mohallem (2003) o que move o sujeito a criar é a experiência da falta, do vazio, do nada e do desejo. A criação e a possibilidade de dividir a experiência sublimatória entram no lugar da coisa. O nada passa a ser um lugar simbólico que a obra cria e a criação torna-se uma necessidade de expressão, uma forma específica de transmitir, que permite a comunicação, fisga dimensões essenciais, cria equívoco no observador e ultrapassa a questão do tempo. Pensamos que estes aspectos citados pela autora estão presentes e são possíveis no humor, que então pode ser considerado uma das possíveis formas de sublimar.

Na prática clínica, estudando psicanálise e psicopatologia, encontramos diversos caminhos possíveis encontrados pelo homem diante do desamparo e do vazio. Vimos com Slavutzky (2014) que estes podem ser destrutivos, e se darem pela via do adoecimento, compulsões, tédio, angústia, depressões, adicções, dentre inúmeros outros desfechos, mas podem também ser criativos.

Pelo humor e pela sublimação, o sujeito assume e enfrenta o desamparo, trilhando caminhos criativos, éticos e saudáveis diante do vazio, que trazem ao sujeito prazer, acesso ao social e leveza ao existir.

5 CONCLUSÃO

Com este trabalho, foi possível apresentar o conceito de humor em psicanálise e discutir a relação que estabelece com a sublimação.

Ao trazer a tona uma metapsicologia do humor e da sublimação, Freud propôs novas maneiras de conceber o laço social, que não pela via da patologia ou deserotização do sujeito. Através da criação, nos deparamos com um caminho mais saudável, no qual não é preciso abdicar de sua singularidade pulsional e desejosa para sustentar uma causa ou um bem estar comum. Nestes casos não precisa haver mal estar no enlaçamento, e sim produção de novos arranjos sociais, capazes de promover movimento criativo também naqueles que assistem ao que foi criado.

Acreditamos que é mais coerente conceber a sublimação enquanto criação erótica de novos objetos de satisfação pulsional, do que enquanto um desvio do alvo da pulsão para finalidades valorizadas culturalmente. Nesse sentido, a sublimação desobstrui e cria caminhos, preparando o espaço onde possa advir algo da virtude do sujeito, ou seja, possibilita o aparecimento do desejo e a criação de algo, a partir do vazio, dando lugar àquilo que é não-simbolizável. Não se trata de uma realização incondicional e irrestrita do desejo, já que assim, este seria elevado à categoria do imperativo de gozo, mas sim de permitir que este venha a tona e apareça enquanto tal, sendo fiel ao sujeito.

O humor, a sublimação e a arte são formas de fazer laço social produzidas num objeto que reinventa o enlace. A sublimação e o humor estão, portanto, para o sujeito e para a cultura e se apresentam como possíveis caminhos à ética, que não pela via tirânica do imperativo superegóico e sim, pelo desejo. No humor e na sublimação vê-se uma ética. A partir deles o sujeito dá conta do desamparo e constrói algo novo, a partir do vazio, que poderá ser compartilhado. O humor é uma das formas de sublimação, devido a este enfrentamento do desamparo, só que neste caso, pela audácia, atrevimento e afronta da realidade, sem que seja necessário negá-la ou recorrer à dramatização.

O humor sublimatório se revela como uma alternativa possível para o enfrentamento do desamparo, uma vez que através do novo e do avesso do que já foi, viabiliza manifestações simultâneas de diversas questões referentes ao sujeito. É aí que se situa o aspecto de elevação presente no humor e na sublimação, onde

busca-se uma meta mais elevada para a pulsão que acaba por resultar no enlace e contribuir na cultura.

Diante da condição trágica e finita inerente à existência, o sujeito encontra no humor uma saída criativa, inesperada e original, sem que tenha que recorrer à dramatização de sua situação de desamparo. Rir de si mesmo é realmente um dom raro, sofisticado e precioso e uma maneira saudável de lidar com a angústia. Reconhecer a própria comicidade é uma forma de sabedoria, pois não é fácil brincar com as dores, os sintomas e o próprio narcisismo.

Com o humor aprendemos a ser mais tolerantes às frustrações, e obter prazer destas. As tensões e os dramas são aliviados, as verdades são desconstruídas, os erros, problemas e falhas são motivos de risada. A vida passa a ser uma brincadeira da qual se pode rir, e assim, dispor da potencia erótica para a criação de um sentido e um modo de existir no mundo.

A rebeldia presente no humor e a sublimação dizem respeito à criação de alternativas que promovem uma abertura de sentido ao real viabilizando sua transformação, na medida em que são maneiras elevadas de simbolizar.

Ao mesmo tempo que o humor se dá pela permissividade do superego para com o ego, ele denuncia as figuras de autoridade e revela o ridículo do superego, em seu outro lado tirânico, no qual há um saber cristalizado e impositivo. O humor flexibilizará o sentido desse saber e da vida social, reforçando o laço, que dessa vez será criativo. É uma alternativa sublimatória pois garantirá ao sujeito que este seja capaz de acessar o laço social por uma outra via que não a do imperativo superegótico, e do recalque.

Enfim, o humor enquanto sublimação é uma maneira possível de afirmar a singularidade e o desejo, mantendo-se no laço social, sem que seja necessário se entregar a tirania mortífera do superego.

Uma vez que atribuímos ao humor tamanha importância, nos cabe mencionar também seu significado na experiência analítica. O humor se apresenta enquanto um recurso também para a clínica. A emergência do senso de humor e do riso na análise podem indicar a possibilidade do sujeito sair de uma posição vitimizada em seu drama neurótico e deslizar para posições mais rebeldes e criativas. Ao rir com o seu analisando o analista viabiliza que o primeiro possa rir de si mesmo, e construir um saber que tenha repercussões na sua posição diante do mundo, afirmando sua singularidade desejante e seu potencial criativo.

Assumir moralmente o desamparo e se responsabilizar pela condição desejante diz de uma ética que é do sujeito. Cabe-nos refletir como o sujeito pode responder por sua divisão e se posicionar diante do desejo e da vida moral.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. [2006 (1905)] Os chistes e sua relação com o inconsciente. **Obras completas**, trad. ESB, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1908)] Escritores criativos e devaneios. **Obras completas**, ESB, v. IX. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1908)] Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. **Obras completas**, ESB, v. IX. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1910)] Cinco lições de psicanálise. **Obras completas**, ESB, v. XI. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1910)] Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. **Obras completas**, ESB, v. XI. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1914)] Sobre o narcisismo: uma introdução **Obras completas**, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1923)] O ego e o Id. **Obras completas**, ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago

_____. [2006 (1927)] O humor. **Obras completas**, ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago

KALLAS, Marília Brandão. (2010) **Psicanálise e contemporaneidade**: Arte, literatura, poesia, humor, corpo, pânico, anorexia, bulimia. São Paulo: Biblioteca 24 horas.

KUPERMANN, Daniel. (2010) Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.193-207. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a12v22n1.pdf> Acesso em: 26/08/2013

_____. (2003) **Ousar rir**: humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LACAN, Jacques . [2008 (1959/1960)] **O seminário**: Livro 7: A ética da Psicanálise. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Antônio Quinet. 2ª edição: Rio de Janeiro.

_____. [1988 (1964)] **O seminário**: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. (1988) **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes

MOHALLEM, Léa. (2003) Psicanálise e Hospital: um Espaço de Criação. In: **Psicanálise e Hospital** -3: Tempo e morte: Da urgência ao ato analítico. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

NETO, Oswaldo França.(2007) **Freud e a sublimação**: arte, ciência, amor e política. Belo Horizonte: Editora UFMG

PEREDA, Luis. (2005) Humor e Psicanálise. In.: **Seria trágico... se não fosse cômico**: humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira

REGNAULT, François. (2001)**Em torno do vazio**: a arte a luz da psicanálise. Tradução Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

RIBEIRO, Maria.(2008) Do trágico ao drama, salve-se pelo humor! **Estudos de psicanálise**. Salvador. N.31. p. 103 a 112. Retirado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a13.pdf> Acesso em: 26/08/2013

SLAVUTZKY, Abrão. (2005) O preciso dom do humor. In.: **Seria trágico... se não fosse cômico**: humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira

_____. (2014) **Humor é coisa séria**. Porto Alegre: Arquipélago editorial.

SLAVUTZKY, Abrão. KUPERMANN, Daniel (2005) **Seria trágico... se não fosse cômico**: humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira

SOUZA, Edson. (2005) O humor irreverente de Marcel Duchamp. In: **Seria trágico... se não fosse cômico**: humor e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira